

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS

EMERGENCY REMOTE TEACHING: THE PERCEPTION OF TEACHERS IN THE EARLY YEARS IN PUBLIC SCHOOLS

Greicy Silvana Leal de Souza¹

Flaviani Souto Bolzan Medeiros²

Gabriela Cappellari³

Resumo: Este artigo tem como objetivo apurar as dificuldades enfrentadas pelos professores dos anos iniciais no ensino remoto emergencial, no período de pandemia nas escolas públicas de um município do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Para isso, adotou-se um estudo de campo quanto aos fins, com abordagem qualitativa, do tipo descritiva e utilizando-se de dados primários e secundários para a coleta de dados. Entre os principais resultados obtidos, destacam-se as dificuldades enfrentadas pelos professores durante este período devido ao despreparo e a falta de conhecimento diante do ensino remoto, a inquietação dos mesmos no que se refere ao apoio das famílias e a grande preocupação referente ao atraso no ensino, que foi ocasionado em função da pandemia. Diante do exposto, é notória a importância do contato social na vida escolar de uma criança, onde o estar junto e o estar perto nunca se fez tão necessário.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial; Anos Iniciais; Dificuldades.

Abstract: This article aims to investigate the difficulties faced by teachers in the early years in emergency remote teaching, during the pandemic period in public schools in a municipality in the interior of the State of Rio Grande do Sul. For this, a field study was adopted regarding the purposes, with a qualitative approach, of the descriptive type and using primary and secondary data for data collection. Among the main results obtained, the difficulties faced by teachers during this period stand out due to their unpreparedness and lack of knowledge regarding remote teaching, their concern regarding the support of families and the great concern regarding the delay in teaching, which was caused by the pandemic. Given the above, the importance of social contact in a child's school life is notorious, where being together and being close has never been so necessary.

Keywords: Emergency Remote Teaching; Early Years; Difficulties.

1 Introdução

No ano de 2020, ainda no primeiro trimestre, o mundo passou por uma readaptação, tendo de restringir suas atividades e convívio social devido a pandemia de

¹ Bacharel em Tecnologia em Gestão Pública, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: greicy_de_souza@hotmail.com

² Doutora em Administração, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: flavianimedeiros@unipampa.edu.br

³ Doutora em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: gabriela.cappellari@ufsm.br

Coronavírus (Covid-19). Em março, Tedros Adhanom Ghebreyesus – o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) – declarou que o Covid-19 já se tratava de uma pandemia devido ao alto número de infectados (SOUTO, 2020). Em vista disso, fez com que todos, em esfera mundial, tivessem que se adaptar a uma nova rotina, onde muitos tiveram que abandonar seus locais de trabalho e passaram a desenvolver suas atividades em seus lares.

Por sua vez, vários estabelecimentos foram afetados, não somente os comerciais, como também os educacionais, pois as escolas foram um dos setores que mais mudanças tiveram para adequar-se a esse “novo estilo de vida”, o qual no início não era possível imaginar a proporção e nem que tempo duraria. A suspensão das aulas presenciais foi uma decisão importante para a diminuição dos casos do vírus no Brasil e para auxiliar no isolamento social, evitando assim, o contato direto entre os alunos (TAMAYO; TUCHAPESK, 2020). Os professores tiveram que se reinventar, criando novas formas para chegar até os alunos, utilizando diversos recursos, como o uso das redes sociais, visto que o ensino remoto é algo novo na área da educação.

É possível assegurar que esta carência deu-se pela falta de formação dos professores nesta área do ensino e pelo precário acesso da comunidade escolar a recursos tecnológicos de qualidade (PALÚ; SCHUZ; MAYER, 2020). Logo, é provável que muitos desafios foram encontrados, pois o contato habitual com o aluno, que se faz imprescindível para um diagnóstico preciso da turma para traçar o perfil e buscar a melhor forma de ensino, já não existe, uma vez que não há mais este contato entre educador e educando.

Segundo Ivic (2010, p. 17) “é por meio de outros, por intermédio do adulto que a criança se envolve em suas atividades. Absolutamente tudo no comportamento da criança está fundido, enraizado no social”. Ivic (2010) acrescenta, também, que este contato com o outro, que para Vygotsky já se fazia necessário e que nos dias atuais ainda é essencial para o desenvolvimento da criança, tendo sido perdido quando o isolamento social foi estabelecido por conta da pandemia, é que trouxe um novo olhar para os professores. Uma nova metodologia precisou ser implementada, com novas experiências e formas de conhecer o público-alvo, no caso os alunos.

A tecnologia, que antes era separada das crianças para um melhor aproveitamento do estudo, agora passou a ser ferramenta essencial no novo aprendizado a partir do ensino remoto. Uma nova modalidade de ensino se instalou sobre a educação, o que modificou aquilo que professores estavam, até então, acostumados no dia a dia com os alunos dentro

da sala de aula. Tal mudança propiciou a eles próprios, além de muitos desafios, encontrar também muito aprendizado. Na linha de pensamento de Freire (1997), aquele que ensina, a partir da sua atuação, adquire um momento rico de seu aprender.

Com o grande aumento do número de casos do Covid-19 no início do ano de 2020, a educação acabou precisando se adaptar para que se desse início ao ano letivo, de acordo com o Parecer CNE nº 5/2020 (BRASIL, 2020). No dia 1º de abril de 2020, o Governo Federal editou a Medida Provisória nº 934, onde foram estabelecidas normas com medidas para a educação no período de emergência na saúde pública, o que fugiu totalmente da dinâmica utilizada pelos professores em sala de aula até então, pois o contato social, antes indispensável, passou a ser através de uma tela de aparelhos tecnológicos, porém muitos educadores ainda não estavam preparados para esta modalidade de ensino.

De repente, profissionais da educação tiveram que adaptar suas práticas a novos parâmetros, visando uma educação a distância, onde seus lares passaram a ser suas salas de aula (ROSA, 2020). Não foram só as práticas que precisaram ser readaptadas, a vida e os lares dos professores também sofreram uma mudança, pois agora as salas de aula mudaram-se para suas casas. Diante disso, a tecnologia passou a ser um suporte indispensável para que alunos e professores pudessem manter contato, mesmo que à longa distância. Castro, Vasconcelos e Alves (2020) destacam a relevância e o quanto a tecnologia tem aberto novos caminhos para a educação, tornando-se importante ferramenta para que a aquisição de aprendizagem ocorresse neste momento atípico de pandemia.

A tecnologia tornou-se então um instrumento essencial para que o ano letivo fosse exercido. Porém, vale ressaltar que muitas adversidades foram encontradas pelo caminho, tanto pela parte dos alunos e suas famílias, que precisaram assumir um papel de educadores junto aos educandos, quanto pelos professores, que tiveram que se reinventar para uma nova forma de ensino, o remoto. Santana Filho (2020) afirma em seu estudo que:

A docência e a educação escolar estão abaladas. A pandemia, ao nos isolar uns dos outros, estudantes, professores, pedagogos, gestores públicos e privados, abala a dinâmica da escola: seu sentido baseado na convivência e compartilhamento de ideias e saberes, na transmissão de conteúdos consolidados e conduzida por práticas seculares encontra-se revirado (SANTANA FILHO, 2020, p. 3).

Diante do exposto, essa pesquisa tem como problema de pesquisa a seguinte questão: Quais as dificuldades das aulas remotas para os professores dos anos iniciais em

tempos de pandemia do Covid-19? Visando responder à problemática apresentada, definiu-se como objetivo apurar as dificuldades enfrentadas pelos professores dos anos iniciais, no ensino remoto emergencial, no período de pandemia nas escolas públicas de um município do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de ouvir aqueles que estiveram à frente das turmas de alunos das escolas públicas de um município do interior do Estado do Rio Grande do Sul, a fim de terem suas demandas, desafios e vivências ratificadas, com o intuito de melhorias na profissão e na busca de outras práticas na área pedagógica, considerando o atual contexto, fortalecendo, assim, o ensino público futuro e estabelecendo uma educação com mais qualidade. Se faz essencial o desenvolvimento de métodos qualificados, que venham a gerar proximidade com os alunos e abranja a esfera dos envolvidos com os mesmos, sejam os gestores, os professores, a família e a própria comunidade escolar (HONORATO; MARCELINO, 2020).

Há, por isso, necessidade de averiguar quais foram as práticas utilizadas pelos educadores, assim como o envolvimento dos educandos e o auxílio de suas famílias no exercício da aprendizagem. A prática educativa esteve muito longe do que se distingue como normal, pois houve uma flexibilização do fazer pedagógico, onde foi preciso reinventar o saber educativo tornando mais acessível aos alunos, famílias e à tecnologia (CASTRO; VASCONCELOS; MAYER, 2020). A educação pública passa por uma discrepância, visto que o ensino a distância não estava nos planos da educação atual, onde não houve tempo para uma capacitação dos profissionais, já que a propagação do vírus Covid-19 se deu de forma acelerada. Assim, não houve possibilidade de um preparo para este momento.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em 30 de janeiro de 2020 que a Covid-19 se tornou uma emergência em escala mundial, referindo-se à saúde global (VENTURA *et al.* 2020). Por esta razão, foi necessário se utilizar de um novo método de ensino ainda não abordado nos anos iniciais na educação pública. Para isso, recursos como: vídeo aulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão ou rádio e material didático impresso foram algumas das possibilidades sugeridas (CIPRIANI; MOREIRA; CARIUS, 2021), tomando o lugar das atividades cotidianas imprescindíveis, que possibilitavam o desenvolvimento, aprendizagem e o crescimento social dos alunos.

O presente artigo possui a seguinte estrutura: logo após este capítulo introdutório com a exposição da temática, problema de pesquisa, objetivos e justificativa, no próximo capítulo consta o referencial teórico que embasou o estudo e, na sequência, apresentam-

se os procedimentos metodológicos com a descrição das etapas que foram adotados, visando ao alcance dos objetivos pretendidos na pesquisa. Em seguida, o capítulo seguinte contempla a análise e a discussão dos resultados e encerra com a exposição das considerações finais.

2 Referencial Teórico

2.1 Contexto histórico da educação infantil

Por um longo período de tempo, a educação da criança foi marcada por ter pouca relevância, o que importava era que se tivesse o básico como: cuidados, higiene e alimentação. Durante séculos o dever de educar a criança foi responsabilidade unicamente da família, pois a partir deste convívio, ela aprendia o que eram os costumes de sua cultura. É na sociedade contemporânea que a criança começa a se socializar, tendo contato com outras formas de aprendizagem (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Muitas mudanças ocorreram com o passar dos anos, com a evolução da indústria e a partir da Revolução Industrial que foi de grande impacto na sociedade. Com a passagem do feudalismo para o capitalismo na Europa uma das mudanças que ocorreu foi no uso de máquinas e da força motriz, o que levou as mulheres a ingressarem no mercado de trabalho (PASCHOAL; MACHADO, 2009). Com a mulher saindo de casa para trabalhar, o cuidado com os filhos, automaticamente, precisou ser terceirizado. Muitas crianças, assim como suas famílias, também passaram a trabalhar, onde enfrentavam muitas vezes situações precárias. Algumas mulheres que não trabalhavam nas fábricas começaram a cuidar dos filhos daquelas que optavam por trabalhar fora.

No Brasil, o cuidado com os pequenos se iniciou com o acolhimento de crianças abandonadas, que eram assistidas pelas chamadas amas-de-leite e cuidadoras pagas para tal tarefa. Porém, a história da educação vai ter início com a chegada dos jesuítas ao Brasil, onde o foco era mais no ensino religioso (SILVA; FRANCISCHINI, 2012). Entretanto, não eram todas as crianças que tinham acesso a este ensino, pois muitas ainda eram tidas como escravas e muito cedo eram vistas como adultos de pequeno tamanho, não tendo o mesmo privilégio que as da casa-grande. Mais para o final do século XIX, o Estado passa a zelar pela educação da criança e a prover os cuidados familiares quando estes lhes faltavam, a fim de investir nelas, acreditando que delas dependia o futuro da nação (SILVA; FRANCISCHINI, 2012).

Por volta de 1879, define-se o ensino primário nos municípios do Império, demarcando o cuidado e a formação da criança até os 7 anos, e em 1896, foi criado o curso de formação para professoras de jardim de infância (NUNES; CORSINO; DIDONET, 2011). Deu-se início às creches com maiores cuidados e atividades voltadas para os pequenos, seguindo o entendimento de prepará-los. Em 1899, foi fundado o Instituto de Proteção e Assistência à Criança do Brasil, que possuía creches e jardins de infância (SILVA; FRANCISCHINI, 2012). As professoras começam a adquirir uma melhoria no desenvolvimento de suas atividades, a partir de então a criança passou a ser atendida não somente na área da educação, como também na área da assistência social e da saúde.

Em 1940, o governo federal cria o Departamento Nacional da Criança (DNCR) no Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), com o propósito de estruturar as práticas da maternidade, infância e adolescência (NUNES; CORSINO; DIDONET, 2011). A criança que anteriormente era apenas assistida para que suas mães pudessem trabalhar, agora passa a ter ministérios que assegurem seu bem-estar. A legislação brasileira, a partir da constituição de 1988, passa a apresentar a Educação Infantil e o Ensino Fundamental Médio como primeira etapa da educação básica ao ampliar o conceito de educação (MOREIRA; LARA, 2015). Foi um tempo de evolução, de ideias voltadas a se propor práticas para estruturar a educação brasileira que começa a ganhar ênfase.

Com a fundação da escola o conceito de infância começa a passar por mudanças a partir da escolarização das crianças (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008). Foi uma longa caminhada até se chegar ao que se conhece hoje como educação, a criança passa de apenas assistida, isenta de cuidados e passa a ser educada, mudança que acompanhou a evolução da sociedade, o que trouxe consigo a necessidade de profissionais capacitados a tal missão, hoje em dia crucial no desenvolvimento dos pequenos. Nos dias atuais, a educação é Lei e é um direito de todos, segundo consta no artigo 205 da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988). Chega-se então a uma educação que respeita alunos e professores e busca crescimento juntamente com a evolução da sociedade. O próximo tópico trata das práticas e dos meios utilizados para o desenvolvimento pedagógico no ensino remoto.

2.2 Práticas e meios utilizados para o desenvolvimento pedagógico no ensino remoto

A pandemia de Covid-19 alterou a rotina e a forma de viver em sociedade e no Brasil isso não foi diferente, pois vários setores foram afetados, passando a atender de forma remota, ou com alto nível de cuidados e distanciamento social. Nesse sentido, um dos setores que passou por uma grande mudança foi a área da educação, onde foi necessário rever as práticas pedagógicas e readaptá-las ao momento de isolamento social, isolamento este que modifica o que vinha se trabalhando nas escolas. No que se refere ao Ensino a Distância (EaD):

No Brasil, o processo de reconhecimento dessa modalidade de educação teve início com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que por meio do seu artigo 80 incentiva o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada (GROSSI; MINODA; FONSECA, 2020, p. 153).

As atividades escolares antes eram realizadas dentro da sala de aula e fora, mediante o contato com o meio ambiente, com demais integrantes da comunidade escolar e atividades lúdicas, além das físicas, onde desenvolvem a parte motora, gerando controle e domínio próprio. Tais práticas possibilitam ao aluno aprender a conviver com o os demais, criando vínculos, adquirindo valores a partir do comportamento e ajuste social. Atividades estas que ajudam no desenvolvimento da capacidade de interagir e aprender sobre regras, valores, cidadania, cultura, direitos e deveres, identidade social, agora passam a ser atividades em casa, limitando-se ao convívio familiar e ao espaço de suas moradias.

Com a pandemia, as salas de aula passaram a ser os lares e o contato ocorre através de telas de aparelhos eletrônicos, tudo adaptado para que os estudantes pudessem dar continuidade aos seus estudos, que antes era realizado de forma presencial. O contato entre alunos, professores e o ambiente escolar era indispensável para melhor aproveitamento do ensino, visto que o discente aprende através de suas vivências e contato com o outro.

Craidy e Kaercher (2001) comentam que para Piaget, Vygotsky e Wallon é através do contato com o próprio corpo, com o meio e com o outro, que a criança passa a desenvolver a aptidão afetiva e entre os diferentes níveis de desenvolvimento que se dão a partir dessa integração. A criança não é apenas um receptor de informações, ela é parte do meio em que está inserida, por isso as trocas entre o sujeito e o ambiente são tão

importantes (CRAIDY; KAERCHER, 2001) e é nesse contexto que percebe-se que o isolamento social trouxe mudança na rotina dos professores e dos alunos.

Em uma pesquisa, o Instituto Península mostra que os professores brasileiros se sentiam apreensivos no que diz respeito a mudança da rotina, práticas pedagógicas e a respeito da saúde física e mental (FETTERMANN; TAMARIZ, 2021). Passou-se a falar em Ensino a Distância (EaD), porém, houve o que pode se chamar de confusão de nomenclaturas, o que só confirmou a falta de conhecimento da modalidade, pois usava-se o termo para outras formas de ensino (SANTANA; SALES, 2020). Uma boa parte dos professores ainda não tinha tido contato com aulas remotas, tamanha preocupação desses profissionais mostra que não havia preparo para o enfrentamento deste momento, e mesmo com as adversidades, o ensino precisou ser colocado em prática.

Cabe ressaltar que a maioria das escolas públicas não possuía recursos tecnológicos disponíveis que pudessem auxiliar os educadores a cumprirem suas atividades, a maioria teve de utilizar suas ferramentas pessoais. Coutinho, Ferreira e Silva (2021) destacam que é preciso entender que as práticas remotas transferiram aos alunos e professores muitos desafios em relação à tecnologia e à metodologia no que se refere à intervenção na aprendizagem. Tais desafios não se resumem apenas na falta de conhecimento tecnológico, mas também na questão social, pois muitos alunos não tinham acesso à internet, tampouco, os aparelhos necessários.

Em relação aos professores, uma nova forma de dar aula teve de ser elaborada. A perspectiva educativa não deve estar caracterizada pelo uso da tecnologia, mas a ciber cultura como um fato social interligado à criação das práticas utilizadas (SANTANA; SALES, 2020). Martins e Almeida (2020) apontam que educadores, educandos e suas famílias se encontraram, criando maneiras de enfrentar o ensino remoto a partir do uso de vídeos, conferências on-line, mensagens, lives, áudios, imagens e sons. Na sequência, será abordada a questão da contribuição familiar no desenvolvimento e aproveitamento das atividades escolares.

2.3 Contribuição familiar no desenvolvimento e aproveitamento das atividades escolares

Os primeiros estímulos da criança devem partir da família, que tem o dever de acompanhar com responsabilidade o desenvolvimento escolar da criança, agindo como auxiliador na sua prática do dia a dia. Deve haver uma parceria na qual a escola vai criar

formas de envolver a família e a mesma deverá contribuir para um melhor aproveitamento do aprendizado. A partir do isolamento social implantado no Brasil por causa da pandemia de Covid-19, Grossi, Minoda e Fonseca (2020) destacam que as pessoas tiveram que se acostumar a novos hábitos, como o home office e adaptar seus afazeres à nova rotina escolar dos filhos, pois o ensino domiciliar se tornou a alternativa neste momento.

Deste modo, a situação atual fez com que a sala de jantar ou outros ambientes da casa se tornassem a sala de aula (HONORATO; MARCELINO, 2020). Logo, uma readaptação na convivência familiar e nos lares com o propósito de auxiliar as crianças nas práticas propostas. As famílias que antes tinham seus momentos juntos reduzidos pela rotina do dia a dia, agora passaram a estar mais próximas. Muita coisa mudou e as crianças, que anteriormente passavam parte do seu dia na escola, agora estão em período integral em suas casas.

Na atualidade, cabe ressaltar que muitas mães estão inseridas no mercado de trabalho, o que faz com que os pais compartilhem com elas a responsabilidade com os filhos. Assim, uma vez que já não se tem um modelo familiar único, uma nova apresentação familiar vem substituindo a tradicional, o que também tem influenciado na forma de educar a criança (LINS *et al.*, 2015). A educação e os cuidados com os filhos já não é uma obrigação apenas das mães como era antigamente, visto que estas vêm se destacando em suas atividades profissionais e cada vez mais são incentivadas a buscarem seus objetivos. As muitas mudanças na sociedade por causa da evolução da humanidade fazem com que a educação dos filhos também seja alterada. A contribuição familiar deixa de ser apenas um auxílio como era para muitos, cuja colaboração resumia-se ao tema de casa e em atividades esporádicas na escola. Sabe-se que este cenário não inclui todos, visto que muitas famílias são bem presentes na vida escolar das crianças desde muito cedo.

Com a pandemia de Covid-19, a escola e as famílias tiveram que aprender a caminhar juntas como mediadores da aprendizagem, auxiliando no desenvolvimento e mantendo um compromisso com este aluno e filho que se encontra em processo de aprendizagem, criando práticas e estratégias para facilitar este momento diferenciado do aprender. No cenário da escola pública, as famílias tiveram a oportunidade de estarem em contato direto com seus filhos a partir das orientações educacionais e pedagógicas propostas pelos educadores, participando ainda mais da vivência e do avanço das crianças (CASTRO; VASCONCELOS; ALVES, 2020).

Esta temporária situação trouxe consigo a oportunidade de uma aproximação entre os alunos e seus familiares que os auxiliam neste período. Quando a criança é inserida em um ambiente que não seja o familiar aprende sobre a sociedade, criando, assim, o seu grupo social e a partir dessas novas experiências a criança vai abranger o mundo e suas regras, sempre tendo a família e a escola como grandes influenciadores e como mediadores nesta etapa do desenvolvimento (LINS *et al.*, 2015). O vínculo entre a escola e as famílias nunca se fez tão necessário como neste momento do processo educacional (ALMEIDA; CALVACANTE; MELLO, 2021).

Contudo, é preciso compreender que nem todas as crianças possuem este atendimento e nem os recursos necessários para o acompanhamento do ano letivo. Sabe-se que as famílias têm realidades diferentes e que muitos perderam pessoas por conta do Covid-19, bem como alguns modificaram suas formas de trabalhar, tanto fora como dentro de casa (SILVA, 2020). Ademais, muitas crianças têm na escola não somente o estudo, mas também um amparo onde são cuidadas, alimentadas, inclusive, muitas delas esperam pelo momento da aula para, só então, terem uma refeição digna.

Além disso, segundo Mello e Rubio (2013), estudos afirmam que a afetividade é parte da prática educacional, pois está vinculada ao aprendizado infantil. Nesse sentido, para muitos, estas horas que passam com seus professores é o momento de receberem carinho, atenção e sentirem-se protegidas, zelo este que ainda falta em casa por diferentes razões. Em continuidade, o próximo tópico versa sobre a avaliação da aprendizagem dos alunos em período de ensino remoto e o retorno às aulas presenciais.

2.4 Avaliação da aprendizagem no ensino remoto e o retorno às aulas presenciais

Arruda, Carvalho e Ribas (2021) destacam que a avaliação na educação infantil tem sido muito estudada nas últimas décadas, as diferentes realidades didáticas podem distorcer a prática do aprendizado e da avaliação. A aprendizagem corresponde à modificação entre o cognitivo da criança a partir do novo que lhe é transferido. A partir da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96 algumas mudanças foram implementadas na organização da educação nacional, como no caso da maneira de organizar o ciclo escolar, bem como demanda métodos adequados de ensino e avaliação a cada nível (BRASIL, 1996).

Essas mudanças vêm trazendo uma nova maneira de estabelecer o ensino pedagógico e também de avaliar a aprendizagem, com mais ênfase no aluno e mais

percepção no que está sendo compreendido, utilizando-se de atividades cada vez mais lúdicas, onde a criança passa a ser parte do meio em que vive, tornando-se um ser social que interage com os demais a sua volta. Com o isolamento social e o novo modelo de educação implantado no contexto da Pandemia de Covid-19 existiu incerteza no aprendizado devido, principalmente, à desigualdade social e educacional.

No que se refere ao direito, Santos (2020) destaca que no Brasil a educação tem suas próprias desigualdades em relação à infra-estrutura de redes públicas e privadas, em que as medidas que são tomadas são extraordinárias, superficiais e incapazes de tocar no eixo dessa calamidade social. Houve o risco também do abandono nesta área pela falta de recursos necessários para acompanhamento das aulas, pois não existiu tempo de formular um plano para melhor estruturar uma técnica que abrangesse a todos. Para uma melhor avaliação e planejamento da ação pedagógica, o professor necessita considerar fatos do cotidiano como a reação da criança e a qualidade de interação no processo de conhecimento (NICOLAU, 2008).

A respeito da devolutiva, em relação aos alunos a grande dificuldade de acordo com os professores tem sido pela falta ou atraso na devolução das atividades e as más condições na entrega, sem falar na falta de entendimento nas atividades realizadas (ROLIM, 2021). Isso leva a crer que tem sido extremamente difícil uma avaliação com exatidão, pois os alunos da pré-escola ainda necessitam de auxílio para a realização e envio das atividades. Muitas vezes, quem os auxilia não possui capacitação para esta tarefa ou não tem a disponibilidade de tempo necessária devido ao seu trabalho.

A avaliação antes vinha sendo realizada através dos trabalhos em grupos ou individuais, provas para medir o conhecimento adquirido, atividades escritas e orais, confecção, exposição e apresentação de tarefas, observação diária do desenvolvimento social, comportamental e de aceitação às atividades propostas. A partir destas o aluno deve se tornar um ser capaz de expor suas ideias, expressando-se através da comunicação verbal, gráfica, corporal, matemática, criando valores e tornando-se um ser comunicativo, cultural e político, desenvolvendo a prática da cidadania. Todo este processo, passou a ser algo vago, avaliado apenas a partir daquilo que o professor recebe pelos envios dos registros realizados pelas famílias.

Considerando este momento atual, em que todos retornam às escolas, é preciso se pensar em todos os aspectos, levando-se em conta que as crianças estão há um bom tempo distantes dos professores e somente em contato com as famílias. Para Oliveira *et al.* (2020), o retorno às aulas presenciais se dá de maneira diferente do que era antes da

pandemia, uma vez que não é possível retomar do mesmo ponto em que se parou quando interrompida, pois durante o ensino remoto emergencial o que ocorreu foi um imprevisto na tentativa de dar sequência a algum nível de ensino. O ensino remoto emergencial deixou marcas no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos e muitas experiências novas na vida dos professores, visto que os alunos já retornam às escolas seguindo todos os protocolos e diretrizes, visando o bem-estar de todos.

De acordo com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED, 2020), para a reabertura das escolas foram consideradas algumas estratégias, visando três importantes áreas, a saber: apurar a disponibilidade de pessoas, infraestrutura e recursos; dar continuidade na aprendizagem de maneira harmoniosa; preparar o sistema educacional para antecipar efeitos das crises atuais e futuras.

A pandemia foi um momento de entender que é preciso dar continuidade a práticas desenvolvidas durante este período, professores tendem a alterar seus métodos durante o retorno às aulas presenciais, desenvolvendo atividades mais inovadoras e criativas (ALMEIDA *et al.*, 2021). A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos que foram adotados na pesquisa.

3 Procedimentos Metodológicos

Partindo do objetivo de apurar as dificuldades enfrentadas pelos professores dos anos iniciais no ensino remoto emergencial no período de pandemia nas escolas públicas de um município do interior do Estado do Rio Grande do Sul foi adotado um estudo de campo quanto aos fins. Segundo Gil (2008), o estudo de campo se preocupa em ser mais profundo no que tange às questões propostas, em detrimento da distribuição das características da população, por essa razão, os estudos são mais flexíveis. Para Apolinário (2011), a pesquisa de campo é realizada fora de um ambiente controlado não possui suas variáveis já controladas, é realizada em um ambiente natural. Foi utilizada esta prática a fim de percorrer um maior número possível de escolas, assim, a intenção era abranger diferentes bairros do município para melhor verificar as diferentes realidades vividas pelos professores.

Ademais, a presente pesquisa conta com uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa se ocupa com a compreensão de um grupo social ou organização, preocupa-se com fatos reais, buscando compreender e explicar o processo social (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Deste modo, aplicou-se esta abordagem com o objetivo de dar voz

aos entrevistados para que pudessem expor suas vivências e contribuições. Esse tipo de pesquisa acredita que a imaginação e a criatividade levam o pesquisador a dedicar-se a trabalhos que busquem novas perspectivas, um novo ângulo (GODOY, 1995).

Segundo os objetivos, este estudo caracteriza-se como descritivo. Para Vergara (2016), a pesquisa descritiva apresenta dados ou fenômeno, ela não faz questão de explicar fatos, porém, serve para defini-los. De acordo com Gil (2008), este é o tipo de trabalho que tem como propósito averiguar características de um grupo e também são pesquisas que procuram investigar opiniões, atitudes e crenças, buscando determinar a natureza dessas relações. Nesse sentido, adotou-se uma pesquisa descritiva com a finalidade de verificar informações e dados sobre o ensino remoto emergencial na percepção dos professores.

Acerca da técnica de coleta de dados, utilizaram-se dados primários e secundários. De acordo com Costa *et al.* (2018), a procedência dos dados primários é quando estes não tiveram nenhuma análise crítica. Para Prodanov e Freitas (2013), os dados primários devem ser retirados da realidade a partir do pesquisador, são dados de “primeira mão” que ainda não é possível encontrar em algum lugar. Os dados secundários são os que já estão disponíveis a partir de pesquisa bibliográfica, podem ser chamados de “dados de segunda mão”, pois já existiam e não foram coletados para o trabalho em questão (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Nesta pesquisa, os dados primários foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e os dados secundários foram obtidos a partir da revisão de literatura, servindo de base para a elaboração do roteiro de entrevista. O roteiro elaborado foi composto, ao todo, por 17 (dezessete) questões, assim organizado: no primeiro bloco constam questões para caracterizar os entrevistados; o segundo bloco expõe perguntas acerca das práticas e meios utilizados pelos professores durante este período de ensino remoto; o terceiro bloco contempla questões sobre a avaliação da aprendizagem; e o quarto bloco apresenta perguntas sobre a contribuição familiar a respeito das atividades realizadas com as crianças.

Além das 17 (dezessete) questões, também foi elaborada 01 (uma) pergunta aberta, sendo opcional a sua resposta. Portanto, o entrevistado poderia respondê-la de acordo com seu interesse de expor, acrescentar ou comentar algo a partir da sua vivência e experiência no ensino remoto emergencial, contribuindo assim com a pesquisa. Os sujeitos desta pesquisa são professores que atuam na rede de ensino público, especificamente dos anos iniciais. Ao todo, o município possui 26 (vinte e seis) escolas

públicas que atendem o ensino fundamental – sendo 19 (dezenove) na zona urbana e 6 (seis) na zona rural – abrangendo os anos iniciais.

Para esta pesquisa, foram contatadas 13 (treze) instituições de ensino localizadas na zona urbana, contemplando assim todos os bairros da cidade para que fosse possível averiguar diferentes realidades vividas neste período de pandemia. Destas, 09 (nove) aceitaram participar do estudo, o que resultou em 15 (quinze) professores dos anos iniciais entrevistados. No que tange à análise dos dados coletados com as entrevistas, foi aplicada nesse estudo a análise de conteúdo. De acordo com Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), a organização da análise de conteúdo busca expor o tema através de falas ou textos, ela é composta por uma estratégia sistemática que realiza o levantamento de indicadores, gerando conhecimentos. Para isso, adotou-se a estrutura recomendada por Bardin (2016), a saber:

a) pré-análise: é a etapa da estruturação que coincide com a fase de percepção, tem como objetivo tornar operacional e organizar a ideia inicial, administrando um método preciso do desenvolvimento dos procedimentos contínuos de um plano de ensino;

b) exploração do material: se trata de procedimentos de codificação, análise ou enumeração conforme regras previamente elaboradas; e

c) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação: o resultado é abordado a ser significativo, os procedimentos formam quadros de resultados e colocam em relevo informações providas pela análise.

Destarte, neste trabalho, a pré-análise ocorreu logo após o término das entrevistas, cujas respostas obtidas foram organizadas – transcritas e separadas – de acordo com as escolas visitadas. Em seguida, realizou-se a exploração do material a partir do roteiro de entrevista, roteiro este elaborado com base nos objetivos norteadores dessa pesquisa. Na sequência, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação foi feita considerando as respostas dos entrevistados e a exposição dos autores sobre aquele assunto. Sendo assim, os dados obtidos foram analisados entrelaçando o relato dos entrevistados no ensino remoto emergencial e a contribuição dos autores na discussão sobre o tema trazido para a pauta pelos docentes nas entrevistas. O próximo capítulo dedica-se à análise e discussão dos resultados.

4 Análise e Discussão dos Resultados

4.1 Dados sobre as entrevistas e caracterização dos entrevistados

Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos neste estudo, a seguir, encontram-se no Quadro 1 informações adicionais acerca das entrevistas realizadas.

Quadro 1: Dados sobre a entrevista

Escola	Entrevistado	Data da entrevista	Tempo de duração
Entrevista piloto	Delta	12/11/2021	50 min
Entrevista piloto	Sigma	12/11/2021	45 min
Escola A	E1	15/11/2021	35 min
	E2	15/11/2021	35 min
	E3	15/11/2021	35 min
Escola B	E4	16/11/2021	30 min
	E5	16/11/2021	40 min
Escola C	E6	19/11/2021	45 min
	E7	19/11/2021	55 min
Escola D	E8	22/11/2021	1 h 10 min
	E9	22/11/2021	1 h 10 min
Escola E	E10	23/11/2021	1 h 05 min
	E11	24/11/2021	35 min
Escola F	E12	24/11/2021	30 min
Escola G	E13	25/11/2021	55 min
	E14	26/11/2021	40 min
	E15	26/11/2021	45 min

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Devido ao atual momento epidemiológico, as entrevistas foram realizadas de forma que fosse mais viável aos entrevistados, visto que ainda se está em período de pandemia do Covid-19 e muitos evitam o contato social. Deste modo, algumas entrevistas foram realizadas presencialmente e outras utilizando vídeo chamadas nos aplicativos como Google Meet ou WhatsApp. Ademais, as 02 (duas) entrevistas piloto foram realizadas de modo presencial na escola em que os entrevistados lecionam, assim como as entrevistas da Escola A de acordo com o tempo disponibilizado pela referida Instituição.

Igualmente, na escola B, a pesquisa foi realizada presencialmente na própria escola. Em continuidade, as entrevistas da escola C foram feitas por vídeo chamada via WhatsApp, cada uma delas em um horário diferente. Referente às entrevistas da Escola D, as mesmas foram realizadas através de uma chamada utilizando o Google Meet, do mesmo modo, as entrevistas das Escolas E e F. As últimas entrevistas foram na Escola G – entrevistados 13 e 14 – foram feitas presencialmente, cada uma em um horário diferente,

de acordo com a disponibilidade do entrevistado e a do entrevistado 15, por sua vez, foi realizada por meio de chamada de vídeo pelo WhatsApp. No que concerne ao perfil dos entrevistados, tais informações podem ser visualizadas no Quadro 2.

Quadro 2: Caracterização dos entrevistados

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Formação	Pedagogia	10	66,66%
	Magistério	4	26,66%
	Educação Especial	1	6,66%
Tempo de formação na área	0 a 5 anos	0	0%
	6 anos 10 anos	1	6,7%
	11 anos a 15 anos	5	33,33%
	16 anos ou mais	9	60%
Escolha da profissão	vocação	11	73,33%
	incentivo de terceiros	2	13,33%
	expectativa futuras	2	13,33%
Tempo de atuação na área da educação	0 a 5 anos	0	0%
	6 anos 10 anos	2	13,33%
	11 anos a 15 anos	3	20%
	16 anos ou mais	10	66,7%
Tempo de atuação na escola atual	0 anos a 5 anos	5	33,33%
	6 anos a 10 anos	5	33,3%
	11 anos a 15 anos	1	6,7%
	16 anos ou mais	4	26,7%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Acerca da formação dos 15 (quinze) entrevistados expostos no Quadro 2, além de serem formados em Curso Normal, Pedagogia ou Educação Especial, alguns possuem Pós-Graduação em cursos como: Psicopedagogia, Gestão Escolar, Matemática, Coordenação Pedagógica, Gestão Educacional, Orientação Educacional, Alfabetização e Educação do Campo. Sobre à escolha da profissão, alguns entrevistados manifestaram ter escolhido a área da educação por vocação ou por incentivo de terceiros, outros relataram boas lembranças de sua infância e tempo de estudantes, ademais, também citaram terem escolhido a profissão por terem expectativa de que a educação é o caminho para um futuro melhor. Na sequência, apresentam-se as práticas e os meios pedagógicos utilizados pelos docentes no ensino remoto.

4.2 Práticas e meios utilizados para o desenvolvimento pedagógico no ensino remoto

Para que o ensino remoto emergencial fosse possível e o ano letivo de 2020 começasse, foi preciso que os professores encontrassem maneiras para que o conteúdo chegasse até os alunos e a forma como isso aconteceu foi através da tecnologia e das redes sociais como relatou a Escola F:

No início foram criados somente grupos no WhatsApp, posteriormente, foi introduzida a Plataforma Classroom, aulas on-line pelo Google Meet e

utilização de vídeos prontos do YouTube e feitos pelos próprios professores, que precisaram aprender e se adaptar às novas práticas de ensino (E12).

Visto que era algo novo e que se estendeu por mais tempo do que se imaginava, motivo que fez com que os professores fossem inovando e aos poucos acrescentando novas ideias e formas de utilizar os recursos que lhes eram apresentados, conforme observa-se na exposição da Escola E:

Só depois de um tempo lecionando a partir do ensino remoto, que a rede estadual ofereceu treinamento a partir da Plataforma Seduc/RS, inicialmente, cada escola e professor usou os recursos e técnicas que tinham em mãos e que lhes eram conhecidos até o momento (E10).

Cada profissional da educação – incluindo coordenação, direção e professores – fez o que estava ao seu alcance e seu conhecimento, utilizando o que tinha em mãos até o momento em que foram instruídos a fazer de forma mais adequada. Na Escola C, além das práticas e meios utilizados já mencionados pelas Escola E e F, o E6 comenta que também foi utilizado o Facebook e atividades impressas, que eram entregues aos alunos. Devido ao momento atual e ao avanço da tecnologia, o uso de plataformas trouxe a necessidade de os professores adquirirem novas metodologias de ensino condizentes com a realidade e interesse dos alunos (SOUZA; MIRANDA, 2020).

Muitos métodos foram sendo incluídos para melhor desenvolver as atividades e tentar alcançar os alunos, onde os professores tiveram que também aprender a utilizar essas ferramentas. Quando perguntado quais as principais mudanças ocorridas no ensino a partir do isolamento social, de acordo com o E13, “o que pode ser observado durante este período de ensino remoto foram mudanças na relação entre professores e alunos como na socialização e o vínculo que existia, grandes lacunas surgiram com o distanciamento”. Para o E1, “a maior mudança foi a perda de interesse do aluno devido à falta de estímulo”, na Escola G, por sua vez, “a maior mudança foi a grande lacuna observada a respeito da aprendizagem, houve um atraso no desenvolvimento (E15)”.

É possível observar, a partir das diferentes respostas, que não foram poucas as mudanças ocorridas neste período, pois o aluno dos anos iniciais ainda é dependente de auxílio dentro e fora da escola. A criança não é autossuficiente, necessita do contato e apoio nos estudos e nem todos possuem (FAUSTINO; SILVA, 2020). Contudo, não foram apenas os alunos que foram afetados socialmente, os professores também sentiram a necessidade de interação uns com os outros. Observou-se na Escola D:

Foi muito importante neste período a troca de ideias e relatos entre os professores, pois eram realizadas reuniões on-line para que estes pudessem trocar experiências, o que não só ajudou, mas também, os incentivou a dar

continuidade, visto que dificuldades foram encontradas e que em conjunto foi possível passar por elas (E9).

Essa troca entre os professores foi importante, visto que contribuiu e enriqueceu a vivência a partir das experiências expostas. Os saberes da experiência são aqueles formados na execução, na prática diária, com base nos fundamentos, na atuação e nos saberes sobre o meio (MONTEIRO, 2001). Deste modo, este foi um momento de auxílio e colaboração, já que as condições não eram favoráveis devido às dificuldades trazidas pela pandemia. Para Souza e Miranda (2020), os professores acostumados a lecionar, muitas vezes, com pouca estrutura em sala de aula, onde a falta de material e recursos em algumas escolas é habitual, desta vez tiveram que se reinventar para passar por este período, coisas que já faziam a cada aula ministrada, entretanto, desta vez de uma forma diferente. A seguir, será exposto o resultado da pesquisa acerca da avaliação da aprendizagem dos alunos em período de ensino remoto.

4.3 Contribuição familiar no desenvolvimento e aproveitamento das atividades escolares

A contribuição familiar, que já se fazia essencial ainda no ensino presencial, foi algo indispensável neste momento de ensino remoto emergencial, visto que se trata aqui de alunos dos anos iniciais, os quais ainda necessitam de auxílio nas tarefas. Sobretudo, sendo estas direcionadas virtualmente pelos professores que não estão mais ali disponíveis presencialmente para ajudá-los. Nesse sentido, quando questionados sobre a importância que o apoio da família teve neste momento, segundo a Escola A “sem dúvida foi muito importante e essencial, porém, alguns se mantiveram distantes (E1)”, ainda na mesma Instituição destaca-se que:

[...] durante o afastamento social as famílias fizeram mais contato para que as crianças conseguissem acompanhar o ensino, se desenvolver e ter um rendimento satisfatório, porém, houve as que se mantiveram ausentes, o que dificultou ainda mais o desenvolvimento dos alunos que não tiveram o apoio necessário (E3).

Sabe-se que nem todas as famílias possuem a mesma disponibilidade de tempo e recursos para acompanhar os alunos, muitos lidam com o fato de trabalharem fora de seus lares durante o dia, o que tornou mais difícil o auxílio às crianças nos estudos.

Quando perguntado se o ensino remoto emergencial aproximou mais as famílias da escola, o E15 acredita ter sido indiferente, pois, na sua percepção, “aquelas famílias que já eram comprometidas com a educação dos filhos no ensino presencial, foram as

mesmas que continuaram no ensino a distância”. Pode-se perceber neste relato que pouca foi a mudança em relação às famílias na Escola G, o que traz consigo mais atraso no aprendizado de alunos que anteriormente já não eram tão assistidos em seus lares.

Conforme o tempo foi passando e o período educacional se estendendo nos lares, algumas famílias foram entrando em situações de crises como estresse por não terem domínio do que estava sendo passado aos alunos e por não terem total competência com aparelhos tecnológicos (ALMEIDA *et al.*, 2021). Não foi um momento fácil, tanto para professores como para famílias e, principalmente, para muitos alunos, que por não terem o auxílio em seus lares, acabaram tendo seu rendimento prejudicado.

Na Escola E, o entrevistado entende que “a família poderia contribuir mais neste período, não realizando as atividades pelos alunos, e sim auxiliando-os e incentivando-os a fazer (E11)”. Da mesma forma, o E13, da Escola G comenta que “as famílias poderiam parar, ao menos uns minutos durante o dia com as crianças para assessorar, dar o exemplo e mostrar a importância do estudo, auxiliando os alunos nas tarefas escolares”. A falta de incentivo de algumas famílias, pois se sabe que não são todas, é algo que não contribui com o desenvolvimento escolar dos educandos, que ainda nesta faixa etária dos anos iniciais necessitam de atenção e estímulo.

Pode-se dizer que algo que a pandemia vem ensinando é sobre a necessidade do contato entre escola e famílias e a assistência na rotina e no aprendizado dos alunos para um melhor aproveitamento intelectual e pessoal (ROLIM, 2021). A escola precisou e ainda precisa do apoio das famílias nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, ainda mais nos primeiros anos escolares onde o ensino básico acontece. O desenvolvimento educacional é um processo lento, contínuo e que necessita da participação da família, quando estes são atuantes na vida escolar, ocorre um crescimento na capacidade de realização de um bom desempenho (SANTOS; CASTILHO, 2017). A seguir, será abordada a questão do retorno às aulas presenciais.

4.4 Avaliação da aprendizagem dos alunos em período de ensino remoto

A avaliação da aprendizagem durante o ensino presencial sempre foi realizada de acordo com a observação do professor no desenvolvimento, acompanhamento diário em sala de aula das atividades propostas e convívio de cada aluno com os demais. Existe uma aliança dentro do ambiente escolar entre os envolvidos, o que é fundamental para o

crescimento e desenvolvimento do processo educativo e da avaliação (HONORATO; MARCELINO, 2020).

Neste período do ensino remoto emergencial, com o distanciamento social, a nova metodologia aplicada, a forma de avaliar e ensinar os alunos precisou ser modificada e adaptada à nova realidade. Almeida *et al.* (2021) chamam de crise de identidade o fato de se ter passado dos muros das escolas, assim, misturando os espaços educacionais onde a casa virou escola e a escola está em casa.

Sob esse viés, quando perguntado aos entrevistados sobre a importância da avaliação, como a mesma foi realizada e a devolutiva das atividades propostas durante este período, pode-se notar que todos concordam que é de suma importância para dar seguimento ao ensino posterior, porém, nem todas as escolas vivem a mesma realidade e obtiveram o mesmo retorno. Conforme comenta o E4: “durante o ensino remoto, o objetivo era aproximar a escola do aluno, dar continuidade às atividades e manter a interação e rotina escolar, avaliou-se apenas a participação, nesse sentido obtivemos uma boa devolutiva”. A Escola B destacou a importância da avaliação:

É importante avaliar o aluno, antes, durante e depois de ensino remoto emergencial, para acompanhar o desenvolvimento e encontrar possíveis aspectos a serem melhor trabalhados, por isso, a importância de conhecer o aluno em todo momento, pois não se imaginava que passaríamos por este episódio de pandemia e seria necessário o afastamento (E5).

Conhecer a criança é algo essencial para uma avaliação do desenvolvimento, pois é importante saber como o aluno iniciou para entender e acompanhar sua evolução. Na Escola C, os alunos foram avaliados através dos trabalhos enviados virtualmente e por meio de vídeo aulas que, segundo o entrevistado “obteve-se um bom retorno dos alunos e famílias (E7)”. Destarte, percebe-se que é uma escola onde as condições dos alunos e familiares foi mais favorável ao ensino remoto. Todavia, sabe-se que nem todas as escolas vivem a mesma realidade.

Em diversas localidades, há aqueles mais carentes que não puderam acompanhar o ensino on-line como descreveu a Escola E: “os alunos, em sua maioria, não tinham internet, então, só foi possível realizar as atividades quando eram entregues impressas, foi muito difícil fazer uma avaliação efetiva sem o contato direto entre educador e educando (E10)”. De acordo com Viana e Nascimento (2021), mesmo o ensino remoto emergencial não atingindo com a mesma eficácia todos os alunos, foi o único caminho que possibilitou dar seguimento ao ensino, amenizando o declínio e a evasão escolar.

Sabe-se então que nem todos tiveram a mesma igualdade no ensino remoto emergencial devido as diferentes realidades sociais, porém, diante da pandemia, foi feito o que era possível realizar durante este período. Destaca-se algo muito importante do relato da Escola 1 quando cita que “a avaliação se faz importante não só para o aluno, mas também, para que o professor possa avaliar e organizar seu próprio trabalho dentro das necessidades encontradas (E2)”. Através do retorno dos alunos, o professor consegue avaliar a si mesmo e o seu rendimento, o que foi essencial neste período de novos aprendizados, pois alunos e professores necessitam deste feedback para darem continuidade aos ensinamentos. No próximo tópico será abordada a contribuição familiar no desenvolvimento e aproveitamento das atividades escolares.

4.5 O retorno às aulas presenciais

Voltar ao ensino presencial foi algo muito questionado desde o início da pandemia, tratando-se principalmente de escolas públicas, devido ao grande número de alunos em sala de aula e aos protocolos a serem seguidos. O regresso às aulas, assim como foi o ensino remoto emergencial, tem sido um grande desafio para todos: alunos, professores e famílias.

O retorno tem sido desafiador, pelos protocolos a serem seguidos, se tratando de crianças, mas conforme os alunos vão praticando dia após dia, a higienização, uso da máscara e o distanciamento social, tudo começa a fazer parte da rotina e aos poucos vão acostumando e aceitando (E4).

Porém, não é só referente aos protocolos de higiene que os desafios vêm aparecendo, de acordo com Escola D: “está sendo necessário elaborar um planejamento que contemple as necessidades básicas como: leitura, escrita e numerais, pois os alunos voltaram em diferentes níveis de aprendizagem (E8)”. Com o isolamento social e o ensino remoto emergencial, o que ficou bem explícito foi a desigualdade social que existe no Brasil, onde muitos alunos têm um local adequado para estudo com todo equipamento necessário e silêncio para estudar e assistir às aulas, outros não têm sequer condições de fazer as refeições básicas do dia a dia (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Tais questões tornaram o aprendizado desigual durante o período de ensino remoto e que trazem dificuldades a serem enfrentadas no retorno à escola.

Outra questão muito importante que pode ser observada é em relação à saúde emocional dos alunos por causa do tempo que ficaram afastados da escola, como nota-se na Escola B “por causa do isolamento social, alguns alunos voltaram mais egocêntricos, emotivos e desinteressados (E4)”. Santos e Queiroz (2021) afirmam que o ensino remoto

emergencial levou a uma preocupação em relação à saúde emocional de todos os envolvidos no ensino aprendizagem, professores, famílias e alunos. Este fato traz muita preocupação e necessita de atenção e cuidado neste período de retorno ao presencial.

Cada aluno viveu uma realidade diferente em seus lares, o que trouxe algumas mudanças no comportamento no retorno à escola, como menciona o E14: “os alunos retornaram mais dispersos pelo tempo em que ficaram em seus lares e expostos à tecnologia”. Outras realidades puderam ser identificadas, como relata o E2: “em alguns alunos pode ser observada a falta de limites e retornaram mais agressivos e violentos, reflexo do que presenciavam em seus lares. Portanto, nota-se que diversos comportamentos já são evidenciados com o retorno à escola pelas diferentes realidades vivenciadas nos lares.

A falta de preparo, por ter sido algo às pressas, levou muitos dos envolvidos a um desconforto com a situação. Sem dúvida, um aspecto que terá que ser trabalhado com muita calma, paciência e entendimento pelos professores, que estão aos poucos recebendo seus alunos de volta à escola com questões diferentes a serem apuradas. Quando questionado se já é possível fazer uma avaliação do ensino neste retorno às aulas presenciais, o E12, vinculado a Escola F, relata que “a avaliação tem sido constante, contudo, já é possível um diagnóstico e apontar os principais aspectos”. Na Escola M tem-se que:

É aos poucos que estamos percebendo os diferentes níveis de aprendizagem que os alunos voltaram e que há muito trabalho pela frente, incluindo participação familiar e de todos os envolvidos na vida do aluno, porém, irá levar muito tempo para reverter o prejuízo que ocorreu na aprendizagem durante esse período (E7).

Conforme os alunos vão retornando já é possível notar em que estágio do aprendizado se encontram, para isso, é necessário que o professor esteja atento e realize atividades que estejam de acordo com o nível do aluno. Soares (2021) comenta a respeito do retorno às aulas presenciais que nada será como antes, entretanto, é necessário continuar. O próximo tópico traz o resultado das manifestações dos entrevistados sobre o ensino remoto emergencial.

4.6 Manifestações dos entrevistados sobre o ensino remoto emergencial

Na pergunta aberta - momento em que o entrevistado teve a oportunidade de contribuir com a pesquisa a partir da sua vivência e experiência no ensino remoto emergencial - o E4, vinculado a Escola B, relata que “apesar de muitos pensarem que os

professores não trabalharam, eles trabalharam e muito, se esforçaram para dar o melhor, encontrando maneiras de se reinventar e ofertar uma educação de qualidade e atrativa para os educandos”. Apesar dos muitos desafios já mencionados pelos professores, sabe-se que houve comprometimento e esforço em colocar em prática o ensino de maneira remota durante o período de isolamento social.

O que caracteriza esse ensino a distância é o fato de que o professor deixa de ser a figura central e a sala de aula deixa de ser o único lugar onde a educação acontece somente com a presença do educador (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Desde o início se fala em reinventar e foi isso que pode se perceber de acordo com o que declarou o entrevistado, professores dispostos a mudar e aprender o novo para entregarem seu melhor aos alunos.

A escola e as famílias estavam despreparadas para enfrentar a pandemia, assim como toda a sociedade, não foi apenas uma questão da educação, todos os setores foram afetados, os professores trabalharam sob pressão, aprenderam e ensinaram, investiram sozinhos nessa caminhada (E5).

Como ponto negativo do ensino remoto emergencial destaco a grande demora do governo ao dar suporte aos professores, cada um utilizou-se dos equipamentos que tinham em casa – aqueles que tinham – e sua própria internet. O ensino remoto é muito trabalhoso, assim como a correção para as devolutivas aos alunos, foi preciso alfabetizar as famílias para utilizarem a tecnologia (E12).

A família, os alunos, os professores e todos os envolvidos na educação das crianças sofreram mudanças e readaptações em suas vidas e lares com a finalidade de dar continuidade à aprendizagem. A Escola G menciona que “o ensino remoto pode ser considerado como um ‘socorro’, mas não substitui a presença do professor em sala de aula, pois é esse vínculo que fortalece a aprendizagem (E14)”. Ademais, “nada substitui o contato entre aluno e professor, esse momento de troca do dia-a-dia é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem, as aulas em EaD para os pequenos foram difíceis tanto quanto para o professor (E7)”.

O ensino remoto traz questões importantes para o processo de ensino aprendizagem, como saber que a escola não existe sem os educadores, sem os alunos, sem as famílias e o corpo pedagógico, administrativo (HONORATO; MARCELINO, 2020). Uma grande preocupação que surgiu foi em relação ao nível de aprendizagem que cada aluno retornou, pois muitos não conseguiram acompanhar o aprendizado durante o ensino remoto emergencial, o que fez com que houvesse um retrocesso, como comenta o entrevistado da Escola E:

Foi preciso realizar atividades de pré-escola e alfabetização com alunos do 1º e 2º ano, não existe alfabetização sem prática oral que é realizada em sala de

aula, há uma grande preocupação em relação a continuidade do ensino, pois houve um retrocesso na aprendizagem (E10).

A falta do contato presencial com o professor trouxe dificuldades e atraso na aprendizagem, uma preocupação na continuação do ensino. Da Escola C surge uma angústia com a área da educação quando o entrevistado desabafa dizendo que “não só os professores, mas também os pais e a sociedade em geral, todos tiveram que se reinventar e entenderam a importância de um professor, porém, não se sabe por quanto tempo (E7)”.

Honorato e Marcelino ressaltam que este é um momento de reflexão de todos os envolvidos no processo educativo, é preciso que todos, incluindo família, Estado e sociedade cumpram com seus deveres. Foram muitas as lacunas deixadas na rede pública, o que se faz necessário criar novos métodos educacionais e planejamentos pois por muito tempo a escola esteve presa à burocracia e meios pouco inovadores (ALMEIDA; JUNG; SILVA, 2021). Na sequência, constam as considerações finais.

5 Considerações finais

O ensino remoto emergencial conduziu a área da educação a uma nova realidade e foi um período de aprendizado, desafios e incertezas. A partir do estudo realizado, no que se refere às práticas utilizadas, foi possível perceber o quanto cada professor precisou se reconstruir para conseguir alcançar seus alunos mesmo a distância, utilizando ferramentas tecnológicas ainda não vistas por alguns e reinventando a educação.

Ademais, tiveram também que trabalhar a fim de motivar os alunos e suas famílias a darem continuidade às atividades, visto que para muitos este processo trouxe empecilhos como a falta de aparelhos tecnológicos e internet disponível para o acompanhamento das aulas on-line e o auxílio necessário em seus lares. Uma grande contribuição percebida neste período foi a troca de conhecimento, ideias e vivências entre os professores, que precisaram estar juntos, auxiliando uns aos outros com suas experiências vivenciadas.

No que tange a avaliação da aprendizagem, foi possível constatar que todo parecer requer tempo de convivência para que o professor possa conhecer cada aluno, seu nível de aprendizagem, condições de convivência social e forma como interage com o que lhe é proposto. Durante o distanciamento, houve dificuldade nesta avaliação decorrente da quebra deste contato pessoal entre professor e aluno, onde não foi possível prever com precisão até que ponto o educando estaria absorvendo e compreendendo tais informações.

Houve também aqueles que prezaram apenas por manter o vínculo entre aluno e escola, para que o retrocesso fosse o menor possível.

A respeito da contribuição da família, sem dúvida, sempre foi e neste período tornou-se ainda mais importante e essencial para a realização das atividades propostas. Com esta pesquisa, pode-se perceber que alguns alunos não tiveram este apoio em seus lares, prejudicando e atrasando o rendimento escolar. Sendo assim, a escola precisou muito do contato com os responsáveis pelas crianças por se tratar de alunos pequenos e que ainda dependem de ajuda, os que não obtiveram esse apoio acabaram sofrendo grandes perdas.

Quando apurou-se sobre a volta às aulas presenciais, alguns dos assuntos em pauta foi o comportamento dos alunos e o nível de aprendizagem que cada um retornou, que são reflexo do aprendizado e auxílio que tiveram em seus lares, assim como o comportamento que reproduz a vivência durante este período de afastamento. Sob esse viés, os níveis de aprendizagem foram diversos, pois houve os que tiveram total rendimento durante o ensino remoto e também os que sequer tiveram contato com as atividades. A respeito do comportamento, percebe-se uma inquietação nos alunos, desinteresse e até alguns mais violentos. Aos poucos os professores vão convivendo e avaliando o que é preciso fazer e planejar a partir destes resultados para prosseguir com o ensino.

Além disso, como contribuições adicionais, alguns professores mencionaram uma certa preocupação com a área da educação pela demora em receber o auxílio necessário quando preciso, neste caso, para a utilização das plataformas tecnológicas, por terem tido que se organizar sozinhos e somente com o que tinham em mãos. Não só os professores, mas as famílias também estavam despreparadas, o que afetou a evolução dos alunos. Pode-se dizer que neste período ficou em evidência a importância de um professor e o quão essencial se faz o contato social e a vivência prática e presencial na vida estudantil das crianças.

Tendo como base os aspectos analisados, pode-se concluir que houve mudança no comportamento dos alunos. Como mencionado pelos entrevistados, alguns retornaram mais dispersos, egocêntricos, desinteressados e até agressivos. Deste modo, sugere-se que estes tenham um acompanhamento psicológico encaminhado pela própria escola, pois como é possível observar no perfil dos entrevistados, nem todos possuem uma formação que os capacite a desenvolver este tipo de auxílio, sobretudo, trata-se de um grande número de alunos, o que torna inviável tal tarefa.

A respeito do acompanhamento familiar, propõe-se que a escola elabore meios para que a família não se distancie e crie um vínculo maior com a escola agora que os alunos já retornaram às aulas presenciais. No que tange às práticas pedagógicas, é importante que os professores aproveitem do que se aprendeu neste período de ensino remoto emergencial e utilize um pouco desta vivência para a sala de aula, visto que nos dias atuais a tecnologia já faz parte do cotidiano e incluí-la, mesmo que esporadicamente no ensino, pode acrescentar e motivar ainda mais os alunos.

Quanto às limitações desse estudo, pode-se destacar a questão de as instituições escolhidas serem apenas escolas públicas dos anos iniciais e localizadas na zona urbana do município. Sendo assim, as escolas rurais não foram analisadas e, tampouco, os outros níveis de ensino. Ademais, cada entrevista foi realizada de acordo com a disponibilidade de cada professor(a), visto que a pandemia de Covid-19 ainda não acabou e muitos preferiram não ter contato presencial. Ao encerrar esta pesquisa, sugere-se como futuros trabalhos, ainda neste contexto, um estudo de como foi para as famílias passar por este período em que estiveram à frente da educação dos filhos juntamente com os professores, e também como foi esta experiência para os alunos que foram o foco principal para que toda essa mudança na prática pedagógica acontecesse.

Referências

ALMEIDA, L. M. L.; CALVACANTE, L. A.; MELLO, A. R. G. R. O que dizem as famílias? Breve reflexão sobre ensino remoto em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 19646-19658, 2021.

ALMEIDA, P. R.; JUNG, H. S.; SILVA, H. S. Retorno às aulas: entre o ensino presencial e o ensino a distância, novas tendências. **Práxis**, Novo Hamburgo, v. 3, n. 3, p. 96-112, 2021.

ALMEIDA, P. R.; LUZ, C. B. S.; JUNG, H. S.; FOSSATTI, P. Relações no ambiente escolar pós-pandemia: enfrentamentos na volta às aulas presenciais. **Revista Actualidades Investigativas en Educación**, Costa Rica, v. 21, n. 3, p. 1-27, sep./dec., 2021.

APOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica: Um guia para a produção do conhecimento científico**. 2. ed. São Paulo. Atlas. 2011.

ARRUDA, C. S.; CARVALHO, L. O. T. D.; RIBAS, M. A. Avaliação da criança de educação infantil no período de aulas remotas. **Revista Interfaces do Conhecimento**, Barra do Garças, v. 3, n. 1, p. 134-144, jan./abr. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição 70. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 3 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394 -LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 4 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 9/2020**. Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511pcp005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 jul. 2021.

CASTRO, M. A.; VASCONCELOS, J. G.; ALVES, M. M. “Estamos em casa!”: narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de Pandemia. **Revista do PEMO**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2020.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

CIPRIANI, F. M.; MOREIRA, A. F. B.; CARIUS, A. C. Atuação Docente na Educação Básica em Tempo de Pandemia. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 1-24, 2021.

CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação. **Diretrizes para protocolo de retorno às aulas presenciais**. Conselho nacional de secretários de educação, junho de 2020. Disponível em: <https://www.consed.org.br/storage/download/5eea22f13ead0.pdf>. Acesso em: 25 outubro de 2021.

COSTA, W. F.; TITO, A. L. A.; BRUMATTI, P. N. M.; ALEXANDRE, M. L. O. Uso de instrumentos de coleta de dados em pesquisa qualitativa: Um estudo em produções científicas de turismo. **Revista Turismo – Visão e Ação**, Vale do Itajaí, v. 20, n. 1, p. 1-28, jan./abr., 2018.

COUTINHO, F. G. A.; FERREIRA, H. P.; SILVA, P. K. Do off ao on: desafios e práticas pedagógicas no emprego de metodologias e o uso de tecnologias em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 40621-40635, 2021.

CRAIDY, Carmem Maria, KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil, pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FAUSTINO, L. S. S.; SILVA, T. F. R. S. Educadores frente à pandemia: Dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes. **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, v. 3, n. 7, p. 53-64, 2020.

FETTETMANN, J. V.; TAMARIZ, A. D. R. Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 4, n. 11, p. 1-10, jan./abr., 2021.

FREIRE, P. **Professora sim, Tia não Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-FreireProfessora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre. UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **RAE Artigos**. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

GROSSI, M. G. R.; MINODA, D. S.; FONSECA, R. G. P. Impacto da Pandemia Covid-19 na educação: reflexos na vida das famílias. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 23, n. 3, p. 150-170, 2020.

HONORATO, H. G.; MARCELINO, A. C. K. B. A arte de ensinar e a Pandemia Covid-19: A visão dos Professores. **REDE – Revista Diálogos em Educação**, Onicuns, v. 1, n. 1, p. 208-220, 2020.

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4685.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

LINS, Z. M. B.; SALOMÃO, N. M. R.; LINS, S. L. B.; CARNEIRO, T. F.; EBERHARDT, A. C. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 43-59, 2015.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Educação em tempos de Pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Revista Docência Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 215-224, maio/ago., 2020.

MELLO, T.; RUBIO, J. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013.

MONTEIRO, A. M. F. C. Professores: entre saberes e práticas. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 74, p. 121-141, 2001.

MOREIRA, J. A. S.; LARA, A. M. B. Educação Infantil no Brasil: História e Políticas Educacionais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 1278-1296, out./dez. 2015.

NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 23, n. 79, p. 47-63, jan./jun. 2008.

NICOLAU, M. L. M. Escolarização e socialização na educação infantil Escolarização e socialização na educação infantil. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 22, p. 119-125, mar. 2008.

NUNES, M. F. R.; CORSINO, P.; DIDONET, V. **Educação Infantil no Brasil**: primeira etapa da educação básica. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011.

OLIVEIRA, E. S.; FREITAS, T. C.; SOUSA, M. R.; MENDES, N. C. S. G. M.; ALMEIDA, T. R.; DIAS, L. C.; FERREIRA, A. L. M.; FERREIRA, A. P. M. A educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 6, n. 7, p. 52860-52867, 2020.

PALÚ, J.; SCHUZ, J. A.; MAYER, L. (Orgs.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Camoinas, v. 1, n. 33, p. 78-95, mar. 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Feevale, Novo Hamburgo, 2013.

ROLIM, R. C. Avaliação do Ensino Remoto emergencial mediado pelos professores de Ciências da Rede Pública de Caucaia-Ceará durante a Pandemia do Covid-19. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 262-278, 2021.

ROSA, R. T. N. Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus (COVID-19)! **Revista Científica Schola**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 1-4, jul. 2020.

SANTANA FILHO, M. M. S. Educação Geográfica, docência e o contexto da Pandemia Covid-19. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 16, n. 1, p. 3-15, maio., 2020.

SANTANA, C. L. S.; SALES, K. M. B. Aula em casa: Educação, Tecnologias Digitais e Pandemia Covid-19. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020.

SANTOS, C. S. M.; CASTILHO, G. P. S. Família/Escola: Contribuições do diálogo no processo ensino aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. **FAE Centro Universitário**, Bom Jesus, v.1, n. 2, p. 250-254, 2017.

SANTOS, E. C. Desigualdade social e direito à educação em tempos de pandemia. **Cadernos de Estágio**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 1, p. 27-28, 2020.

SANTOS, R. B. R.; QUEIROZ, P. P. A educação no cenário pandêmico: o que dizem os professores da educação básica sobre o retorno às aulas presenciais. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 29-49, 2021.

SILVA, C. V. M.; FRANSCHINI, R. O surgimento da educação infantil na história das políticas públicas para a criança no Brasil. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p. 257-276, jan./jun. 2012.

SILVA, F. I. L. A. C. Família-escola na educação infantil: diálogos, saberes e práticas em tempos de pandemia. **Cadernos de Estágio**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 1, p. 61-64, 2020.

SOARES, L. L. Covid-19: Reflexões sobre o retorno presencial na educação infantil e anos iniciais. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**. Goiania, v. 7, n. 1, p. 248-253, 2021.

SOUSA, D. G.; MIRANDA, J. C. Desafios da implementação do ensino remoto. **Boletim de Conjuntura**, Boa vista, v. 4, n. 11, p. 81-89, 2020.

SOUTO, X. M. Covid-19: aspectos gerais e implicações globais. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara**, Minas Gerais, v. 2, n. 1, p. 12-36, jan./abr. 2020.

TAMAYIO, C.; TUCHAPESK, M. S. Desafios e possibilidades para a Educação (Matemática) em tempos de “Covid-19” numa escola em crise. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, San Juan de Pasto, v. 13, n. 1, p. 29-48, jan./abr. 2020.

VENTURA, D. F. L.; RIBEIRO, H.; DI GIULIO, G. M.; JAIME, P. C.; NUNES, J.; BÓGUS, C. M.; ANTUNES, J. L. F.; WALDMAN, E. A. Desafios da Pandemia de Covid-19: por uma agenda brasileira de pesquisa em saúde global e sustentabilidade. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 1-5, 2020.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

VIANA, C. A.; NASCIMENTO, K. R. B. O contexto emergencial das aulas remotas no Ensino Fundamental-Anos Iniciais: perspectiva e desafios da informatização do ensino. **Pleiade**, Foz do Iguaçu, v. 15, n. 43, p. 83-93, 2021.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2023.

Aceito em: 09 de maio de 2023.